

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Correios 350 Anos: Aproximando Pessoas (HVC)

A melhor jogadora do mundo

História de [Alexandra Priscila do Nascimento](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 11/11/2013

P/1 – Eu queria que você começasse falando seu nome completo, o local e a data do seu nascimento.

R – Meu nome é Alexandra Priscila do Nascimento, nasci em São Paulo, em Limeira, em 16 de setembro de 1981.

P/1 – E seus pais? Como se chamam?

R – Meu pai se chamava, porque já é falecido, Suemar Jorge do Nascimento, nascido no Espírito Santo e minha mãe, Nelza Maria Gonçalves do Nascimento, nasceu em Minas.

P/1 – E o que seus pais faziam? Fazem?

R – A minha mãe antes, ela era só dona de casa e depois ela passou a trabalhar na escola, hoje ela trabalha pela prefeitura no Espírito Santo, meu pai é ex-jogador de futebol, ele teve uma pequena passagem no Santos Futebol Clube, no ano de 1981, e depois, logo depois, ele foi pro Espírito Santo, eu fui pro Espírito Santo, eu tinha seis anos.

P/1 – Vocês tem irmãos, Alexandra?

R – Sim, tenho dois irmãos, um se chama, Álvaro Lúcio do Nascimento, é casado, tem um filhinho de quatro anos e tenho um irmão que se chama Andrius Henrique do Nascimento, com 25 anos e também é jogador, bom, tá tentando entrar na vida do handebol.

P/1 – E como era a casa onde vocês moravam? Onde você cresceu?

R – Bom, nasci em Limeira, meu pai jogava aqui em São Paulo, então sempre tava mudando de clube e todo final de ano, a gente ia pro Espírito Santo, pra tá com avós, né? E depois, com seis anos de idade, foi quando meu pai resolveu tá voltando pro Espírito Santo, por coisas de família, a mãe dele já tava bem idosa e ele resolveu tá voltando pra casa. Então, eu tinha seis anos de idade e minha família é uma família humilde e a gente mora no, morava no bairro Cobi de Cima, minha família ainda mora lá, e meu pai não deixava a gente ficar na rua, essa coisa assim, a educação foi muito rígida, rígida até pelo motivo de onde nós vivíamos, muita, muita violência, perigo, então foi crescendo aí, brincando com o meu irmão, o mais novo e depois de seis anos chegou o meu irmão, o mais novo no caso, depois de seis anos. E eu com dez anos, foi quando eu descobri no caso o esporte, porque como meu pai jogava futebol e eu tinha um irmão mais velho, eu me sentia, como que meu pai não olhava pra mim, porque ele sempre falava que o meu irmão mais velho ia jogar futebol, né: “Esse aqui é meu garoto, vai jogar futebol”, então como eu era menina, eu falava: “Poxa, meu pai não quer que eu faça nada?!”. Então, acredito que foi essa vontade de querer mostrar pro meu pai, que eu também era capaz de fazer alguma coisa, no caso no esporte, foi que eu entrei no handebol, mas eu tentei jogar futebol e sou terrivelmente terrível no futebol. Tentei basquete, tentei atletismo, tentei vôlei e nenhum desses esportes me despertaram o amor que me despertou o handebol, com dez anos eu entrei no handebol. Foi até engraçado, porque a gente cumpria horários, né, a gente tinha que ir pra escola e depois da escola a gente tinha já que vir direto pra casa, então, quando eu descobri que tinha handebol lá, que eu tive meu primeiro contato, eu voltei, conversei com a minha mãe e meu pai como era tão rígido, eu tinha medo assim de pedir as coisas pra ele, então, eu conversei com a minha mãe, falei: “Mãe, queria jogar handebol”, e ela: “Quê que é isso?” “Ah, mãe, joga com a mão, tem que fazer gol, tem que defender e tem que correr”, ela: “Olha, você tem que perguntar pro seu pai, por mim não tem problema”. Então, meu pai tava deitado, tava assim descansando e eu fui lá pedir pra ele, pela primeira

vez eu tive coragem de pedir alguma coisa pro meu pai, e pedi: “Pai, eu queria praticar um esporte, chama handebol na escola, aí ele: “Tá, pode jogar”, e minha mãe falou: “Suemar, você entende que não é só praticar na escola, vai ter os jogos, ela vai ter que viajar, vai ter que ficar uma semana fora de casa e ela só tem dez anos”, e meu pai olhou assim, e falou: “Sim, pode ir”. Então, eu vi que assim: ‘ah, meu pai, então, quer dizer que ele gostou, ele tá feliz comigo’ e nesses dois anos que passaram, a gente não teve nenhum assim, só jogos escolares e, meu pai não foi e com doze anos, depois de dois anos, meu pai veio a falecer, então, ele não passou nada, não viu nada da minha vida assim, na questão do lado esportivo e eu seguiu. Eu seguiu jogando, joguei no setor quatro, na Escola Rogério de Matos, foi onde eu comecei, depois da EVV, joguei numa equipe de bairro e com 18 anos eu tive a primeira proposta de vir jogar em São Paulo, então, tá voltando pra casa, já que eu nasci aqui, né? Joguei três anos em Jundiaí, com a professora Rita de Cássia Orsi. Foram assim, momentos de tá começando a me desligar da família, porque eu sempre com a minha mãe, meu pai faleceu, eu ter que ajudar em casa, ter que conciliar o esporte com a família, os amigos e de repente ter que se desligar de tudo isso, ser só eu, eu sozinha. Então, foi bem difícil só que final de ano, e sempre podia tá indo pra casa, então, eu ficava esperando e quando eu tava assim, muito triste a professora Rita, e conversava com ela e ela deixava eu ir pra casa, no meio da semana. E passei três anos aí, e depois mais um ano com Guarulhos, porque como a prefeitura deixou a Jundiaí, então todo mundo teve que se dispersar e tá procurando, no caso, outra equipe, fiquei quase um ano, né, em Guarulhos, com a professora Marisa Loffredo e, com 18 anos também, já comecei a atuar na Seleção Brasileira de Handebol, o meu treinador no caso, na seleção, foi Alexandre Schneider e, com 18 anos fui pra lá, primeiro Pan-Americano, fui pra Hungria, primeira vez saindo do Brasil, também, então foi assim, uma sensação maravilhosa, como que tudo aconteceu muito rápido, quando eu saí de casa. E com 22 anos, eu tive a proposta pra tá indo pra Áustria, na Áustria, na equipe, Hypo Niederösterreich, lá já atuava a Daniela Piedade, que é a pivô da seleção, há dois anos, e a ponta direita foi como assim, um pouco de sorte também, porque a ponta direita é se lesionou e precisava de outra ponta e perguntaram pra ela, e ela falou: “Não, tem uma ponta, é nova, 22 anos e ela vai agora pro Mundial na Croácia”, então eles falaram: “Bom, ela vai vir pra cá” – a Croácia fica a mais ou menos, quatro horas de Viena – “Ela vai vir pra cá, então a gente vai assistir o Mundial e se der, ela vem pra cá fazer o teste” e, joguei o Mundial, terrivelmente, foi, nossa, primeiro Mundial que eu tava passando, minha transição para adulta, então, eu tava muito nervosa e joguei muito mal, e eles falaram: “Não, por mim, a gente não leva ela pra fazer o teste, porque foi muito mal”, e tava o manager, que falou: “Ah, a gente já tá aqui e teria que tá levando ela, né, vamos leva”. E eu fui pra lá e passei uma semana, um frio! Muito frio, muita neve e eu olhava pra Daniela e falava: “Dani, como você suporta tá aqui, é terrível! Escuro, triste, não tem flor, não tem nada” e ela falava: “A gente não tem tempo pra nada, a gente treina de manhã e a tarde, então a vida mesmo, social é pouca”. E eu fiquei lá uma semana, junto com outra espanhola que também tava fazendo teste e eu passei. Então, eles pediram pra eu ficar lá, porque era dezembro, eles pediram pra eu ficar porque em janeiro já começava a Liga dos Campeões e eu não sabia aonde eu tava me enfiando, essa era a verdade, eu falei: “Não, eu quero ir pra casa, preciso conversar com a minha família e quero despedir dos meus amigos, de todo mundo e, aí, ele falou: “Bom, se você for, então, você não volta”, e eu, como não sabia de nada, 22 anos, falei: “Tá bom, então eu não volto, muito obrigada, passei uma semana maravilhosa, aprendi muitas coisas, mas eu vou embora”, ele: “Tá”. Fui pro quarto e a Dani falava: “Não, tranquilo, ele é durão assim, mas ele gostou de você”, deu dez minutos, ele voltou no quarto e falou: “Então, tá bom, você vai pro Brasil e em janeiro, você tem que tá aqui”, eu: “Tá bom, então” e ele saiu e eu falei: “Nossa, que alegria!”, né? Aí, juntei minhas coisas, foi muito engraçado porque a gente foi desclassificado do Mundial, né, então eu fui pra Áustria e, teoricamente, as meninas iam embora antes e eu não sabia falar inglês, e eu tava sozinha e me levaram pro aeroporto e eu fazendo, tentando fazer o meu check-in, conversando com a mulher, que, Brasil–Croácia–Brasil e não sabia falar “mala”, que eu queria saber se ia direto pro Brasil, fiz tudinho, transpirando, super nervosa, depois que eu tava super feliz, consegui fazer o check-in, tudo certinho, quando eu dou a volta assim, viro pro lado direito, todo mundo da seleção, eu falei: “Poxa vida, eu me achando que ia viajar sozinha e tá todo mundo aí!”, foi muito engraçado. E em janeiro eu voltei pra lá, foi em janeiro de 2004, né, e tô lá até hoje.

P/1 – Legal. Agora vamos voltar um pouco lá pra sua infância. Você tava contando que foi pra Vitória, aos seis anos... Como eram seus avós? Que memórias você guarda deles?

R – Depois de tantos anos assim, um pouco vai se apagando assim, então a gente procura tá conversando com a minha mãe, com o meu tio, o irmão do meu pai; e os meus avós assim, minha avó era índia e meu avô, negro da África, né? E eles se conheceram, tiveram filhos, eu tenho: meu pai, meu tio, um outro tio e mais duas tias, né? E todos os nomes são com S, é: Sandra, Sônia, Suede, Solemar e Suemar, então, era uma coisa assim que eu achava, eu ficava pensando: ‘por que meu avô colocou o nome de todos eles com S?’, né? A minha avó era muito fechada, até porque ela sofreu muito na vida dela, ela teve um problema nas pernas, então ela ficou paraplégica, então foi bem difícil a vida pra ela, e as condições também que a gente tinha, meu pai na época, eles não tinham condições de ter uma vida melhor, uma cadeira de roda, até por morar no morro também, então ela só ficava dentro de casa, e meu avô era o paizão assim, minha avó era mais durona e meu avô era paizão, meu avô era muito mais paizão. E era engraçado porque eles tinham alguns costumes, ele comia todos os dias, era feijão, com farofa, um pouco de arroz e a laranja descascada, porém ele todos os dias comia com a laranja, ele descia, ia até a feira, comprava a laranja, se não tivesse laranja, ele não comia e ele comia com a mão, que a gente falava, fazia o tutuzinho, né, que é o enroladinho, tá, amassava com a farinha e comia. E o primeiro tutuzinho era pra mim e ele me chamava de Tutuca e, eu tava na casa da minha mãe e ele falava: “Tutuuuca, Tutuuuca?”, e eu subia correndo e ele ia lá e me dava o primeiro bolinho na boca com um pedacinho de laranja. Então, eu tenho assim um amor e um carinho muito grande pelo meu avô, eu passei mais tempo com o meu avô, ele era mais carinhoso comigo e minha avó, por Ns motivos, era mais fechadona, mas tudo que acontecia em casa, minha vó era como a chefe assim, sabe, ela que falava que sim e ela que falava que não. A família era muito unida, era impressionante como a família era unida, e infelizmente, aconteceram coisas que foram... Veio o falecimento da minha avó, e depois que a minha avó falece, assim, desestruturou a família, porque depois foi meu pai, foi meu avô e foi minha tia, então, devagarzinho a família foi dispersando e, infelizmente, já várias tentativas de tá reunindo a família, mas não é a mesma coisa, não tem jeito, é aceitar a vida como ela tá levando a gente.

P/1 – Seu avô costumava contar histórias pra você?

R – Eu não lembro, não lembro. Minha mãe falava que sim, que ele sentava com a gente no quintal, tinha um quintal grande, ele criava porco, galinha, ele falava que tinha que tratar bem os animais e sempre tava ali, lidando com os animais, e uma coisa só que eu lembro do meu avô é que, eu ganhei três patinhos e era casa de madeira, né? Então tinha embaixo da casa e ele falava todo dia, seis horas eu tinha que guardar os patinhos, senão o rato ia comer os patinhos, e eu falava: “Não, vô, não tem rato”, né? E um dia eu esqueci e no outro dia, os patinhos estavam mortos e

tinha sido o rato que tinha matado os patinhos e ele falou: “Eu falei pra você, Tutuca, você nunca me escuta, você acha que você sabe tudo”, e eu chorava, ele: “Não tem problema”, porque ele brigava, mas não conseguia ficar com raiva de mim, vinha e me abraçava (risos), era muito engraçado. E com o meu irmão mais novo, o irmão mais velho, eu brigava muito com ele, e eu era muito, tinha essa coisa de competição com ele, até pelo ciúme do meu pai, então sempre tava cobrando atenção. E eu mordida ele, fazia as coisas, pegava os carrinhos dele e jogava longe, a gente assim, tinha, eu acredito, que um convívio de irmão normal, né, que não se entendia muita coisa. E minha mãe era uma mãe muito liberal, ela como que dava, o limite pra gente, ela falava: “Você sabe o que é certo e o que é errado”, tem uma coisa assim na minha cabeça, que depois o meu pai faleceu, e minha mãe passou a trabalhar, passou a estudar e trabalhava em dois empregos, então, eu tinha que fazer muita coisa em casa, pra tá ajudando a minha mãe e eu acordava de manhã e não queria ir pra escola, e acordava cinco e pouco da manhã e falava: “Mãe, hoje eu não vou pra escola”, ela olhava assim, e falava: “Olha, você tem prova, tem alguma coisa?”, eu falava: “Não, mãe, é dia normal”, ela falava: “Olha, se você tá mentindo pra mim, não sou eu que tô na escola, então você sabe onde o calo te aperta, você vai ter que ser responsável, porque se você tá faltando numa prova, eu vou saber”, então, ela como que jogava a responsabilidade em cima da gente, e eu podia fazer o que eu quisesse, desde que eu falasse aonde eu tava indo e seu eu trocasse, não tava mais na casa da amiga, eu tinha que avisar ela, que ela falava que se acontecesse alguma coisa, ela sabia onde ela tinha que me procurar, então, desde pequena com essa responsabilidade. Gosto muito sim, olho pra minha mãe e acho que ela foi guerreira, porque criar três filhos, eu tinha 12, o mais velho tinha 13 pra 14, o mais novo com seis anos, ter que trabalhar, ela foi muito guerreira, eu falo que a guerreira aqui não sou eu, a guerreira aqui é ela.

P/1 – E você se lembra da escola? Da primeira vez que foi pra escola?

R – Eu lembro que eu estudava em São Paulo, se chamava Gatinho Vermelho, era uma blusinha branca, com um shortinho vermelho e no final assim, tinha elástico, né, então, prendia assim, as perninha, e era um saquinho vermelho com um lado só e era como meio que um triângulo, e ia os caderninhos dentro. E eu lembro que eles davam iogurte pra gente, e eu odiava esse iogurte, e a gente era obrigado a comer o iogurte, eu falava: “Eu não gosto, eu não gosto!”, e até hoje eu tenho meio que um problema com iogurte de morango, sabe, o cheiro era muito forte. E eu lembro onde a gente juntava a tarde, comíamos e depois tinha que escovar os dentes, eu lembro das torneirinhas abertas, dessas coisas eu lembro e, depois o momento de voltar pra casa, né? Vinha eu com a bolsinha assim de lado, com as canelinha, que sempre fui caneluda e chegava em casa e minha mãe olhava pra mim e eu falava: “Oi”, e ela falava: “Oi, tudo bom? Como é que foi a escola?”, eu falava que tinha sido bem e ela falava: “Agora é guardar as coisas”. Eu tinha que tirar o tênis, colocar o tênis no lugar, a meinha, a bermuda e eu tinha que ver se a camisa tava suja, ou limpa, a minha mãe não fazia isso, eu que tinha que ver se tava suja ou limpa, daí eu colocava pra lavar, ou colocava lá pro próximo dia, são essas coisas assim que eu tenho de escola. E eu sempre gostei muito de estudar, sempre, sempre, nunca tive problema com a escola.

P/1 – Tem alguma professora que foi marcante pra você?

R – Sim, sim, tem a professora Eliana, que no caso quando eu já tava no Espírito Santo, tem também a professora Amanda, era engraçado porque ela era pequenininha, e eu sempre fui grandona, então, eu com cinco anos, já tava mais ou menos assim, do tamanho dela, então, era muito engraçado, porque eu falava: “Como que a professora é do meu tamanho?! A professora tem que ser maior que eu!”. Eu falava assim: “A professora é pequenininha”. E depois do pré eu fui pra professora Eliana, então, a professora Eliana levou a gente da primeira série até a quarta série, a gente nunca trocou de professora, né? Então a gente criou um carinho muito grande por ela, inclusive eu tenho contato com ela até hoje, e até hoje eu chamo ela de professora Eliana (risos).

P/1 – E seus amiguinhos? Como era na época de escola?

R – Tinha, na época da escola, sim, tinha, tinha muitos amigos, tinha minhas amigas, no caso do bairro assim, né, que era a Larissa Xavier e a Aline Xavier, era com quem assim eu tinha mais amizade. E elas tinham medo de ir lá me casa, porque meu pai, como era muito durão assim, elas perguntavam: “Seu pai tá aí?”, eu falava: “Não, não, saiu”, aí elas entravam, meu pai chegava, a gente tava rindo, meu pai chegava, todo mundo ficava tudo durão, assim com medo, né? E depois a gente ia pra rua, de vez em quando, porque meu pai não gostava que a gente ficava na casa de outras pessoas. Aí, na rua, então quando ele saía, eu falava com mamãe e ela falava: “Vai e volta logo!”, aí eu ia, brincava e voltava pra casa, são essas minhas amigas. E tenho a Leidiane também, que foi com quem eu cresci, estudamos juntas, eu comecei com handebol na escola, ela como que foi, depois desistiu, hoje em dia ela própria fala que se arrepende. E uma amizade que eu carrego até hoje de lá do Espírito Santo é a Jamile, Jamile Porto, que quando eu tava jogando na equipe de bairro, depois na EVV, ela começou comigo e, quando eu fui fazer no caso o teste em São Paulo, eu chamei ela pra vir e ela não quis vir, então até hoje ela fala: “Ah, por que que eu não fui com você?! Hoje em dia eu ia tá com você!”, e a gente se conversa até hoje.

P/1 – De que você gostava de brincar quando era criança, Alexandra?

R – Eu não era assim muito menininha, né? O meu pai brigava muito que ele falava que meninas, no caso, tinha que tomar cuidado pra não ter muita cicatriz na perna, porque depois quando cresce, fica as marcas e eu, no caso, minha mãe fala que eu era igual a ela quando era pequena, que gostava de brincar de futebol, gostava de brincar com os meninos na rua, bolinha de gude, queimada, soltar pipa, eu soltava pipa. Meu irmão mais novo queria soltar pipa, e eu falava: “Ah, pai ele quer soltar pipa, posso ir com ele?” e papai falava que sim, mas ele ficava sentado, botava ele sentadinho e eu que soltava pipa (risos), era muito engraçado, eu gostava mais de coisa assim, de meninos.

P/1 – Você sonhava com o queria ser quando crescesse?

R – Sim, meu sonho era me casar cedo, me casar com 18 anos, terminar também a faculdade, que eu queria ser professora, eu queria fazer, no caso, na época era magistério, depois pedagogia, com 25 anos já tá formada, com filhos, casada, dando aula pra criança, e eu não consegui fazer nada disso (risos), nada disso, nada, a única coisa que eu consegui terminar, no caso de um sonho, foi casar, consegui casar, eu já casei já, com 29 anos (risos).

P/1 – Você se lembra do seu primeiro namoro?

R – Lembro, lembro, sim. Bom, meu primeiro beijo foi muito novinha, muito novinha, foi com um amiguinho do meu irmão e minha mãe, como trabalhava na escola, ele ficava lá e eu ia pra lá, pra falar que eu ia ver o meu irmão. Mentira, eu ia olhar ele, né, buscar ele, se chamava José Roberto. Então, aquele namorico, né, de ficar olhando, né, até que meu irmão ficou doente e eu tive que ir na casa do Zé Roberto pra poder pegar o caderno, porque tinha prova, pro meu irmão e eu fui buscar o caderno, chegou lá: “Zé Roberto, Zé Roberto” e a mãe dele gostava de mim: “Ah, eu preciso dos caderno, né, pro meu irmão”, aí ele: “Ah, tá bom”, aí ele foi lá buscar e me levou assim na garagem de cima que era a saída, e a gente ficou se olhando assim e ele me deu um beijo, só que eu odiei o beijo, com língua, eu: “Ah, que nojo!” e saí correndo e cheguei em casa, minha mãe me conhecia muito bem, e ela me olhou e perguntou: “O que aconteceu?”, eu falei: “Não, mãe, nada”, ela: “Que aconteceu?”, “Aí, o Zé Roberto me deu um beijo”, ela: “Ah, sério?!”, “Sim, mas com língua, aí, que nojo, é assim?”, minha mãe ria e falava: “Ah, meu Deus do céu, daqui a pouco cê vai entender”.

P/1 – Quantos anos você tinha?

R – Ah, eu devia ter uns, nove anos! Muito novinha! (risos)

P/1 – E o Zé Roberto?

R – Ah, era um pouco mais velho que eu, da mesma idade que o meu irmão, se eu tinha nove, ele devia ter uns dez, e a gente era muito novinho, foi um beijinho assim que eu odiei. E depois meu pai falava, brigava com a minha mãe, imagina, que eu só ia namorar com 18 anos. Eu tinha sete, oito anos, meu pai pra minha mãe: “Porque minha filha não vai namorar, só vai namorar com 18 anos e tal” e, com 12 anos assim, eu já tava de olho no João, o apelido dele era Nenego, e ele me ensinou a andar de patins, na época, e eu conversava com a minha mãe e falava: “Ah, mãe, tô gostando de um menino e tal, e minha mãe: “É, mas cuidado” e eu contava tudo pra minha mãe, sempre fui muito amiga da minha mãe. Então, quando meu pai faleceu, eu conversei com a minha mãe e minha mãe falou: “Olha, eu não quero mais que você namore assim na rua, você traz ele aqui, porque já é perigoso” e começou a conversar sobre tudo comigo, né? As coisas tiveram que ser assim, um pouco precoces, pra eu ficar já alerta. Então, eu trouxe ele em casa, mas não era bem um namoro assim, ele ficava lá em casa, não tinha beijo, não tinha nada demais, era só companhia, e depois que eu adorava andar de patins e ele me ensinava. E o irmão do meu pai, no caso, como que tomou assim a frente e queria ser o nosso pai, né, falava que eu não ia namorar, que eu tinha que estudar e eu, como que sempre fui muito pra frente, falava pra ele que as coisas não eram assim, que eu tinha minha mãe, que ele não tinha que mandar, então, eu tive alguns problemas com o meu tio e eu fiquei com o João, dos 13 anos até os 22 anos, que foi quando eu fui pra Europa, né? E então, a gente queria noivar, aquela coisa de adolescente: “Quero noivar” e minha mãe falava que não, e eu: “Mãe, mas eu gosto dele, vou casar com ele” e falava que não e, a única coisa ruim assim do nosso relacionamento é que ele não me apoiava no handebol, ele não via meus jogos, ele não ia nos treinos, sabe, falava que não ia ter futuro e eu falava com ele que, eu ia tentar, era uma coisa que eu acreditava, que eu amava e eu ia confiar e ver até onde isso ia me levar. E essas briguinhas... Ele falava, chegou um dia e falava que eu tinha que escolher o handebol, então foi difícil, mas eu falei pra ele: “Olha, se você tá me perguntando entre você e o handebol, eu vou escolher o handebol, porque hoje a gente tá junto, eu vou lutar por nós dois, mas eu não sei o que vai acontecer e a única coisa que eu tenho certeza dentro de mim é que eu quero continuar no handebol”, e como que terminamos, aí depois voltava e quando eu fui pra fora do Brasil, daí não teve como, né? Quinze dias que eu tava lá, quem terminou foi ele, não fui eu, por insegurança no caso, e eu fui pra lá pensando que era pra tá conhecendo coisas novas, tá ganhando mais dinheiro e tá voltando... Eu tinha seis meses pra ficar, que eu fui em janeiro e a temporada termina sempre em junho, então pensei: “Eu vou pra lá, vou ficar esses meses, junto um dinheirinho, ajudo minha família e compro uma casa e a gente casa”. Terminou comigo, tô lá até hoje, dos 22 até os 31 anos (risos).

P/1 – E você gostava de sair na sua juventude, de ir em festas?

R – Não, não, não, não, não. Eu era assim uma adolescente esquisita, porque eu sempre fui muito magra, tinha vergonha do meu corpo, com 15 anos foi começar a aparecer alguma carninha, como fala minha mãe, né? Imagina, minhas amigas já namorando e eu ali com meu namoradinho, mas muito magrinha. Então, sempre usava bermuda muito larga, blusa muito larga, era um pouco insegura e me achava feia, o patinho feio; então, não gostava de sair, minha mãe falava: “Minha filha, vai sair com as suas amigas”, eu falava: “Não, mãe, não quero”, sempre era estudar, estudar, ficava no quarto, ia passando as matérias; roupa: minha mãe queria que eu usasse blusinha, coitada, shortinho e eu falava: “Mãe, não vou usar isso”. Pra colocar um biquíni?! Meu Deus do céu, que desespero! Que eu tinha muita vergonha do meu corpo, então com essa coisa de tá com a minha mãe, com a minha família, em casa, sair, assim, poucas vezes, quando eu fui pra São Paulo, quando você tem contato com outras adolescentes, então, você vê assim, que: “Poxa, vamo sair”, então eu ia pro pagode, saía com elas, mas não era muito, não era muito, até hoje eu sou uma pessoa muito caseira.

P/1 – Você se lembra da sua mudança de Limeira para o Espírito Santo?

R – Não, não, eu era muito nova, né, eu tinha seis anos, eu era muito novinha, não lembro de nada. Lembro assim, tenho sensações de tá na casa dos meus avós, mas como que sentir que eu não sou dali, era essa coisa, como que eu não entendia muito bem o que tava acontecendo, porque como a gente sempre ia pra lá, ficava Natal e depois já voltava pra São Paulo, então a sensação é que sempre a gente ia embora, essa sensação que eu tinha dentro: “Eu não vou ficar aqui, eu sempre vou embora, vou embora”, e acabou que isso me ajudou pra sair de lá, pra tá indo pra São Paulo e depois saindo pro Espírito Santo.

P/1 – E você tem alguma memória da época em que seu pai jogava futebol?

R – Não, não lembro. Eu lembro, e lembro mais da minha mãe assim, como meu pai sempre treinava, sempre jogava, lembro das casas, isso eu

me lembro muito bem, não sei quantos anos eu tinha... A gente morava numa casa que era muito engraçada, que era tipo, vinha a cozinha, então, por exemplo, aqui é a cozinha e pra você ir pra sala, era outro cômodo, você passava num espaço aberto pra poder ir pro outro cômodo, entendeu? Então, isso como que eu não entendia: “Como que aqui é cozinha, agora abre a porta, eu tô do lado de fora e vou pra sala?!”, né? E atrás tinha o pé de, como que se chama? De uma frutinha pretinha? Jabuticaba! Tinha um pé e eu gostava muito de jabuticaba, e nessa casa tinha assim anzol, que quem morou lá, deixou o anzol lá e o anzol caiu, e o anzol, eu correndo ali, brincando, o anzol entrou no meu dedo e entrou do outro lado, eu gritava, a primeira vez, em vez de eu gritar minha mãe, eu gritava: “Papai! Papai!” – chorando –, “Papai!” e meu pai viu o anzol e eu gritando, gritando, ele me colocou assim, me juntou, né, e falava: “Olha, papai vai cortar”, cortou, né, o que ligava o anzol e ficou o anzol, e como tirar o anzol? Tinha que tirar ao contrário o anzol, não tinha como, ia ter que passar tudo de novo, eu: “Não, papai, vai doer, papai” e ele: “Papai, vai puxar e vai doer, mas papai tá aqui com você” e eu chorando, chorando, chorando e ele: “Um, dois...” e puxou o anzol! Meu Deus do céu! Essas coisas assim eu lembro muito, dessa casa eu lembro, tinha a garagem também que, depois que chegava da escola a gente ficava ali, esperando pra ver quando meu pai chegava, ver o pessoal passar na rua, essas coisas assim são os flashes que eu tenho. E eu e meu irmão mais novo... Tinha uma rua - eu tive oportunidade de tá indo com a minha mãe, lá em Limeira, né, pra poder tá vendo essa rua - e a gente tinha um Velotrol, a gente sentava no Velotrol e descia. Só que assim, eu e meu irmão contando as histórias, parecia que a rua realmente, era assim a rua, né?! E era uma velocidade imensa e quando eu voltei nessa rua, a rua era assim, não era assim (risos); o problema é que a gente era muito pequeno e a gente descia com Velotrol, nessa rua assim, caía e se ralava, era muito engraçado. E quando a gente é pequeno, tudo é gigante, né, não tem jeito.

P/1 – Quantos anos você tinha, quando teve contato com handebol pela primeira vez?

R – Tinha dez anos de idade, dez anos no Espírito Santo.

P/1 – E você aprendeu na escola? Como ele surgiu na sua vida?

R – Eu fui assim por incentivo do professor e das amigas, né? Cheguei na escola, praticava vários esportes e o professor, professor Lidimar, foi quem me viu e me chamou pra jogar, ele viu que eu era grande, os braços compridos, a perna também larga, então ele me perguntou e eu falei: “Pai?” e comecei a treinar, e eu já tinha umas amigas e por amigas, a Zizi, a Simone e daí, continuamos, pedi a meu pai e meu pai deixou e daí eu continuei, jogando jogos escolares, fomos campeãs, foi assim uma trajetória maravilhosa do handebol, realmente, as memórias que eu tenho não é de brincadeiras na rua essas coisas, é tudo handebol, sempre o handebol, sempre me entreguei e respirei handebol.

P/1 – E como sua mãe reagiu a tudo isso?

R – Não, minha mãe sempre foi muito liberal com a gente, ela que apoiava todas as nossas decisões, na verdade ela queria que eu jogasse vôlei, que minha mãe na época de escola, ela jogou vôlei. E era engraçado, porque quando nós fomos pro Espírito Santo, tinha um terreno baldio e as mães se juntaram, limparam o terreno e colocaram uma rede de vôlei, então era dia de sábado, domingo ou final de semana assim, era a hora que as mães falavam: “Olha, agora é minha hora, vocês vão pra lá”, a gente ficava tudo sentadinho olhando as mães se acabarem no vôlei, era muito engraçado. E quando eu falei que eu queria jogar handebol, eu falei: “Mãe, eu tentei jogar vôlei, mas não gosto”, ela: “Como cê não gosta de vôlei?”, eu falei: “Mãe, não gosto, não gostei” e eu fui pro handebol. Ela assim, meio que com pena, com dó, mas ela deixou eu me entregar ao handebol, sempre me apoiou, ela foi quem me apoiou, porque meu pai faleceu, a gente não tinha dinheiro, minha mãe tava trabalhando, eu também, como que tentava arranjar um dinheirinho, fazer os trabalhos na escola, como eu queria ser professora, eu ficava às vezes cuidando, vigiando algumas turmas, né, e ganhava um dinheirinho e todo dinheiro que eu ganhava, eu sempre passei pra minha mãe. E na hora de pra ir treinar, não tinha dinheiro, então minha mãe olhava pra mim e falava: “Você não vai treinar?”, eu falava: “Não, mãe, não tenho dinheiro”. E daí, ela olhava assim e falava: “Ah, tá”. Tinha o horário da escola, a gente mora, tem a nossa casa, a casa de uma vizinha e já vem a escola, Tancredo Neves. Então, ela ficava na rua, esperando as amigas passarem, dali ela pegava um pouquinho de dinheiro com cada uma, e ela chegava e falava: “Já tá arrumada?” e eu assim: “Não, mãe, mas não tem dinheiro”, “Ah, a mamãe conseguiu dinheiro, toma aqui, vai se arrumar” e eu pegava minhas coisas correndo e ia pro treino e às vezes, eu chegava atrasada, né? Então, ela me apoiou muito e tênis, também, eu não tinha tênis, né? Meu irmão tinha um tênis, eu acho que era de futebol de salão, esses Kichute, né? Então meu irmão trabalhava, que ele trabalhava numa sapataria, e então eu ia lá pegava o tênis dele, levava, treinava e depois chegava e colocava do mesmo jeitinho e meu irmão chegava e nem dava conta e ele foi descobrir faz pouco tempo que, numa entrevista que eu falei que eu pegava o tênis dele emprestado, né? (risos) Porque não tinha dinheiro, não tinha condições. Minha mãe sempre me apoiou muito. Com 18 anos, foi quando eu tive a proposta da Rita pra tá vindo pra São Paulo, eu tinha lesionado o joelho, inclusive, tinha lesionado o menisco e teria que operar, só que a gente não sabia se era menisco ou se era ligamento cruzado, então no final do ano a Rita me ligou pra minha mãe, pra perguntar e minha mãe falou que a única coisa que ela queria é que eu terminasse, né, a escola e daí eu tava liberada pra ir. E veio a lesão, e a Rita ligou e eu não consegui falar com ela, eu tava chorando já, né, e minha mãe foi conversar com ela e terminou a conversa falando que eu tinha lesionado o joelho e não sabia o que era; a Rita falou: “Olha, se for menisco não tem problema, ela vem a gente faz a ressonância e a gente opera, agora se for ligamento cruzado, a gente não tem estrutura, nem dinheiro pra tá levando essa operação”, né? E eu fiquei muito triste e chorei muito. Depois eu fui pra lá, pra poder fazer a ressonância, daí viu que era menisco, então dos males... E fiz também a prova na Educação Física, na ESEF de Jundiá, só que eu não queria fazer Educação Física, mas a Rita, querendo levar a gente pro lado do esporte, né? Eu não passei, fiquei na lista de espera. E voltei pra lá e operei e graças a Deus, comecei a jogar tudo certo, não tivemos problemas nenhum. Só que no dia de eu ir pra lá, pra poder operar e ficar lá, tudo certo, eu fui de ônibus e a gente tava na rodoviária, né, em Vitória com a minha mãe, eu com a minha mochilinha ali, esperando o ônibus chegar pra embarcar, e o ônibus chegou e eu olhei pra minha mãe e falei: “Mãe, não quero ir mais, não quero deixar a senhora, eu acho melhor ligar pra Rita e falar pra ela que não, que eu quero ficar aqui”, e minha mãe assim com o olho vermelho, sabe, minha mãe é branquinha assim, com a bochecha vermelha, ela olhava e falava, meio que assim brava comigo, falava: “Não, você vai”, e eu falava: “Não, mãe, eu não vou mais, eu não quero ir”, ela: “Não, você vai”, então o pessoal na rodoviária, meus irmãos, não entendiam o que tava acontecendo, que eu chorando, falando: “Mãe, eu não quero ir”, ela: “Você vai, você vai, porque eu não quero que você olhe pra mim um dia e fale: Mãe, por que que você não me forçou a ir?”, entendeu? Eu vou sofrer, mas eu acredito que você tenha que ir” e pegou minhas coisas e colocou dentro do ônibus e eu chorando, chorando muito e olhando assim pela janela e

botando a mão: “Eu não quero ir, eu não quero ir”, minha mãe: “Você vai”, ela falava e foi a viagem toda chorando. Então, minha mãe assim foi - até me emocionou quando lembro disso porque foi ela que (pausa/choro)... Foi ela que mesmo, com a única filha, né, que tenho mais os dois irmãos, ela como que me liberou pra vida, ela como que, parece que ela sabia que tinha que ser assim. Não me prendeu e quando eu fui pra lá, que eu ligava pra ela, era ela que era meu porto-seguro, quando eu tava triste, quando as coisas não estavam dando certo, ela sempre me apoiou muito. E a frase que ela tinha assim, era engraçado, eu falava: “Mãe, mas e se não der certo?”, ela falava: “Se não der certo, você volta pra casa, que a mãe tá aqui te esperando”, então era essa segurança que eu tinha. E depois a outra proposta, que foi de tá indo pra Austrália também, quando chegou, a primeira pessoa que eu liguei foi ela, não foi o meu ex-namorado na época, né, o João, eu liguei pra ela e falei feliz: “A Dani me chamou e o que que eu vou fazer?”, aí ela: “Ah, eu acho que você tem que ir” e eu: “Mãe, mas e se não der certo? É outro país, eu não vou poder tá vindo pra casa, quando eu sentir saudade, é só uma vez por ano, só em junho, julho”, e ela falava: “Se não der certo você volta, você volta pra casa que a mãe tá aqui”, então, quando eu lembro assim essas coisas, é bem forte as emoções.

P/1 – Qual foi o seu primeiro trabalho?

R – Assim, não era considerado meio que um trabalho, né? Quando eu tava fazendo reme e fiz curso de datilografia e queria ser professora e achava que essas coisas tinha a ver com a minha profissão, que eu queria. Então, tinha a escola e tinha as professoras que tinha que fazer curso e eu ficava com elas, elas passavam a matéria e junto com a diretora, a diretora, como que a diretora que levava tudo, então, eu escrevia no quadro, então isso pra mim era um trabalho, eu era muito novinha, tinha 13, 14 anos e minha mãe ficava comigo e aí, e eu ganhava um dinheirinho, as professoras como que me passavam um dinheiro e esse dinheiro eu passava pra minha mãe, era como, eu levava como trabalho, mas eu nunca... Precisava das coisas, mas eu não esperava assim pela minha mãe, né? Eu, o meu sonho era ter uma bicicleta, meu pai falava que ia me dar uma bicicleta, ele falava: “Não, quando você tiver 18 anos”, meu pai faleceu antes, então com 15 anos, minha mãe com meu primo, me deram uma bicicleta, só que não conseguiram terminar de pagar e com 18 anos, eu comecei a jogar, então daí eu já tava ganhando um dinheiro, acabou que eu terminei de pagar minha bicicleta, então sempre me movia pra ter um pouco de dinheiro, pra poder tá ajudando a minha mãe, o objetivo era ajudar minha mãe, não deixar ela sozinha.

P/1 – Você tinha sonho de ser professora?

R – Sim

P/1 – O que você estudou?

R – Eu fui pro Doutor João, Escola Cenequista pra poder fazer, que na época não era Pedagogia, era magistério, eu fui pra lá. Então, o primeiro ano era básico e depois você escolhia uma carreira e quem pagava essa escola, que era uma escola particular, era o irmão da minha mãe. E o primeiro ano foi básico, e quando já tava quase terminando, no final do ano, eu descobri que iam tirar o magistério, e tiraram o magistério. E eu fiquei: “Que que eu vou fazer?”, então eu fiz Processamento de Dados, uma coisa assim nada a ver (risos), então foi assim pra aproveitar, porque com o handebol também eu conseguia bolsa também na escola, eu comecei a jogar e a diretora gostou muito de mim e eu fui conversar com ela, se tinha condições; o professor, né, de Educação Física na época, falou que era pra eu conversar com a diretora pra ver se eu conseguia uma bolsa e eu conversei com ela, e ela falou que sim. Depois que eu apresentei que a gente conseguiu ganhar o troféu no caso pra escola - porque eu já tava devendo a escola, né? Meu tio começou com alguns problemas, né, não tava mandando dinheiro e o professor falou que era pra parar no caso, né, de pagar a escola e a gente parou. Confiei nele e juntou no caso um total de seis meses devendo a escola e a minha mãe foi lá pra conversar com a diretora e ela falou que a única coisa que ela podia fazer, era tirar o juros, né, que não podia fazer nada mais e minha mãe, meio que brava, falou: “Por mim você não joga por essa escola”, e eu falei: “Mãe, é o que eu gosto de fazer, vamo ver o que vai dar” e eu fui jogar, e como eu fui muito bem, era um dia de jogos, né? Então, eram seis, cinco jogos num dia e no final do segundo jogo, eu já tava deitada no colo da diretora, sabe, já tava amiga da diretora e quando a gente ganhou o troféu, ela chegou e falou: “Olha, a partir de hoje você é bolsista e você não precisa pagar mais nada da escola”, então eu tava tão feliz, não com a vitória da escola, e sim eu queria passar pra minha mãe que eu tinha conseguido a bolsa na escola, né? Então foi assim muito bom, muito bom mesmo. E fiz o Processamento de Dados, até hoje não entendo nada de computador, não gosto. E fui pra São Paulo e aí, eu fiz no caso, Pedagogia, gostava muito, foi muito difícil, pelo fato que eu tinha minha amiga, que eu falo que era minha mãe, a Regina, e hoje ela tem, acho que deve ter já, quase uns 50 anos, né? E eu chegava, dormia: “Acorda, acorda, não vai dormir!”, ela que me ajudou muito nesses dois anos de Pedagogia. Ela se formou, trabalha aqui em São Paulo e eu tive que sair e, quando eu falei que eu tive a proposta, ela falou que eu teria que ir, ela: “Não, vai, é o que você gosta de fazer e você vai tá na Europa, não vai tá só jogando handebol, é outra língua, é outra cultura; você vai tá ganhando em outras coisas também.

P/1 – Em que momento que você percebeu que seu futuro era ser atleta?

R – Essa pergunta pra mim é complicada de responder, porque era como que eu sabia que eu tinha que continuar no handebol. Eu não gostava de ficar, aonde eu morava assim, eu não gostava de ficar na rua, os momentos livres que eu tinha, eu sempre tava treinando, imagina, eu saía de casa cedo e voltava pra casa só a noite, porque saía da escola, minha mãe sabia que eu ia treinar, só que o primeiro treino era dos meninos e eu queria tá no treino dos meninos, depois tinha o nosso treino, então eu já treinava uma, duas vezes e ajudava já a Katia Amanajas, ah não sei, ligando pra alguma coisa, pra conseguir alguma coisa pro clube, ajudava também no treinamento, então assim, sempre tive aí dentro, no caso do handebol como eu me achava, aí era meu mundo, aí era onde eu me achava, aí eu sabia quem era eu, eu sempre me senti muito relaxada na quadra, estando na quadra, eu to em casa.

P/1 – Quais acontecimentos e momentos te marcaram nessa fase que você era jogadora?

R – Quando eu era mais nova, uma coisa que me marcou muito, foi que eu tive um jogo escolar e era o enterro da minha tia, né? Então eu participei do velório, tudo e nós fomos enterrar a minha tia e no cemitério, eu olhei pra minha mãe assim, meio que com vergonha, né, e falei:

“Mãe, eu tenho hoje um jogo e eu queria ir”. E minha mãe olhou assim: “Olha, você sai” - a gente tava voltando a pé e ela: “Você sai, tranquila, pega as suas coisas e vai, mas não fala pra ninguém”, e eu saí assim meio que tranquila, mas querendo correr porque eu já tava atrasada e, quando eu cheguei no Ginásio Tartarugão, a minha escola tava perdendo e eu cheguei correndo e as meninas tudo olharam assim e falaram: “Ah, ela veio, ela veio” e meu professor perguntou, Lidimar falou: “Você quer jogar?” e eu falei: “Sim, quero”, ele me passou o uniforme, eu troquei de roupa e joguei super bem e a gente ganhou. Então, foi assim, foi um dia de tristeza pelo falecimento da minha tia, mas pra mim como criança assim, me importava mais no caso o jogo, né? Então aí, dá pra ver que eu me entregava mesmo 100% pro handebol.

P/1 – E nessa fase que você foi morar na Europa, você tinha o costume de escrever cartas?

R – (risos) Olha, eu tenho, hoje eu sou casada, e tenho uma história assim com meu marido já de questão de cartas assim. Ele é chileno e eu conheci ele em 2001, em São Bernardo, só que eu namorava e ele também namorava, então foi assim, realmente foi amor à primeira vista que eu gostei muito dele. Só que a gente respeitou assim os nossos tempos, ele respeitou mais do que eu respeitei, né, ele soube esperar. A gente no caso não tinha essa coisa assim, de e-mail ainda, eu não tinha, ali foi que eu fui descobrir o que era e-mail, com 18 anos foi que eu fui descobrir o que era e-mail e uma amiga foi quem me ajudou, ele perguntou: “Você tem e-mail?” “Sim, tenho” – nem sabia o que era! E trocamos, nas troca de e-mail, a gente trocou também o endereço, porque eu queria que ele mandasse uma foto e ele queria que eu mandasse uma foto pra ele e ele me mandou uma foto e eu namorava, então essa cartinha que eu recebi dele, fiquei muito ansiosa, quando cheguei em São Paulo, eu tinha que mandar essa carta pra minha mãe, que tinha foto pra minha mãe guardar, pra mim, porque meu ex-namorado não podia saber. E a espera dessa carta, porque ele falou que ele já tinha mandado e a minha carta chegou e a dele não tinha chegado, ainda e eu falava: “Gente, cadê a carta? Cadê a carta?”, até que a minha amiga trouxe a carta e eu abri e vi a fotinho dele, né? Então a gente passou a tá se correspondendo, não por e-mail, e sim por cartinhas, né? E depois eu fui pra São Paulo, eu fui pra São Paulo, eu fui pra Europa desculpa, e não sabia a distância da Espanha pra Áustria, né, e passei pra ele no caso, o meu telefone e ele me ligou. E daí, a gente foi conversando e ele foi pra lá em 2005, foi quando ele foi pra lá, então assim, a carta ajudou também a nossa aproximação, né? E depois quando eu tava em São Paulo, eu sempre mandava carta pra minha mãe, carta de final de ano. Eu fui pra Áustria e tem a minha amiga Regina, que eu falei da faculdade, a gente se escrevia quase todo mês, quase todo mês, mandava foto, mandava o que eu tinha feito, ela mandava as coisas que ela tava fazendo, até hoje quando tem que chegar alguma coisa pra mim assim, eu sou uma pessoa muito ansiosa, então eu fico esperando e acho muito legal essa coisa ainda de ter a cartinha, de você ter a experiência de tá abrindo a carta e tá lendo coisas na carta assim bonitas, e depois guardar. O meu marido hoje, muito romântico, ele mandava carta pra mim, ele queimava as pontinhas da carta pra fazer igual antigamente, pra fazer o papel como velho assim e até hoje eu tenho todas as cartas que ele me mandou, a gente tá querendo fazer, comprar um bauzinho pra colocar todas as cartinhas, pra tá enterrando, pra depois os nossos filhos tá desenterrando, esse é o nosso sonho.

P/1 – Como vocês se conheceram?

R – Nós nos conhecemos, eu tinha 18 anos, em Cascavel, em 2001. Eu... A gente se viu, só que ele não me viu, falou que não se interessou. Em 2002, nós jogamos o Pan-Americano em São Bernardo e eu já namorava, eu tava com as minhas amigas, né, descendo do elevador e a gente entrou em muitas no elevador, então quando abriu a porta do elevador, o pessoal do Chile, né, a equipe do Chile queria subir e quando abriu, eles estavam esperando e ele era o primeiro, né? Então, eu peguei e fui assim como que pra me empurrarem, eu fui sair e dei de cara com ele e falei: “Ai, desculpa” e saí pra comer. E eu falei: “Nossa eu conheço esse menino, né?”, eu falei: “Ah, é o menino do Chile”, tá bom. E fomos comer, tudo e no outro dia, quando... Aqui tava a nossa mesa e aqui tava a mesa dele, e a minha outra companheira, a Chicória, né, ela pegou e falou: “Ah, tem um menino ali olhando pra você” e eu olhava e falava: “Imagina que ele tá olhando pra mim” e ela: “Não, ele tá olhando pra você” e eu olhava assim, e ele tava olhando pra mim e eu: “Ai, meu Deus do céu” e a partir desse dia, a gente começou a conversar. Isso foi em 2001 e a gente esperou até 2004, 2005 pra poder tá se encontrando, né, mas a gente sempre conversava, né, por carta, por e-mail e, em 2005 ele me ligou, eu tinha passado por uma operação, que eu tive uma fratura por stress, depois da primeira Olimpíada em Atenas, eu tive que colocar uma haste em toda a canela, né, que eu tenho até hoje. E foi um momento muito ruim na minha vida que eu pensei até em desistir de jogar e ele me ligou e tinha terminado o relacionamento dele e eu também tinha terminado com um ex-namorado, que eu namorei um austríaco e ele falando, né: “Ah, como é que você tá?”, “Eu tô mais ou menos, eu passei por um momento muito difícil, ainda tô passando, operei a canela, tal e tô mal” e eu falei: “E você? Como é que você tá?”, ele: “Ah eu também tô mal, terminei meu relacionamento”, eu: “Ah, que pena” (risos). E tava com a Daniela, né, e ela não entendia nada e eu: “Ah, que triste, né, mas, ah, você vai ficar bem”, e ele: “Como é que você tá?” “Tô bem” “Onde você vai passar o Natal?” “Eu vou passar o Natal na Áustria, a gente vai pro Mundial na Rússia, tô tentando, tô voltando à forma, né, pra tá fazendo parte da seleção, pra tá indo pra Rússia, e vamo ver” “Ah, então eu vou ver se eu vou te visitar” “Ah, tá, então, se você quiser vim tá bom, pode vir, né?”. Quando eu desliguei, eu falei: “Eu não acredito! Não, foi Deus, foi Deus, porque eu não acredito que eu tô passando por um momento tão ruim e agora acontece isso comigo, não é normal”, falava, né? E ele passou a continuar a me ligar, a gente conversava e ele como que falava assim “Você não quer vir pra Paris?”, ele ia pra Paris passar com um amigo dele, né, e depois ele tava pensando que a passagem de Paris pra Áustria é mais barata, então ele tava pensando pra eu poder ir pra lá, e eu, imagina? Eu, bicho do mato, pra Paris sozinha?! Imagina? Não, eu toda assim mandona disse: “Se você quer tá comigo você vem pra cá”, hoje em dia eu me arrependo, que se a gente tivesse começado o relacionamento em Paris, oh, meu Deus! Mas, tá bom. E ele foi pra lá, ele chegou lá dia 25 de dezembro de 2005, às 11 e meia da noite e a Dani foi comigo buscar ele no aeroporto e foi assim uma situação constrangedora assim, que não sabia o que fazer ali: “Ai, meu Deus! E agora, né?! E nesse dia mesmo, ele conversou comigo e falou que gostava muito de mim e que ele queria ter uma coisa séria comigo, queria namorar comigo e eu falei que sim, né, ia falar o que? (risos) E desde 2005, que a gente tá junto.

P/1 – E o que ele faz?

R – Ele joga handebol também, ele joga handebol pela seleção do Chile, ponta direita como eu e canhoto como eu.

P/1 – E isso é estranho?

R – Sim, porque tem várias posições no caso no handebol, né? E geralmente existe laterais e pontas direita, que não são canhotos, destros podem jogar nessa posição, mas essa posição é pra canhoto pelo fato do braço, né, e não é normal assim, você tá com uma pessoa que joga na mesma posição que você e também é canhoto também, então e ah, sei lá, a gente tem uma história aí e tá tudo conectado!

P/1 – E vocês tem filhos?

R – Não, não, ainda não, ainda não. Nós conseguimos nos casar, ele pediu minha mão em casamento em 2007, no Pan do Rio, foi assim também bem legal assim, essas coisas ele vive me fazendo surpresa, é verdade, ele é muito romântico; então, nós ficamos noivos em 2007, né, no Rio, Pan do Rio, e aí tentando ver uma data pra se casar, porque a gente trabalha lá fora, só que a gente queria no caso, casar com a família aqui perto, né? E nunca tinha data, porque quando chegava junho/julho que era nossas férias, a gente tinha compromisso com a seleção e quando chegou assim, 2010, a gente: “Não, a gente precisa se casar” e eu falava: “Olha, a gente tá noivo há muito tempo”, eu como que cobrava, eu era quem cobrava, falava: “Eu quero casar, eu quero casar, não quero ficar noiva pra sempre, né?”, daí eu falava: “Não, vamo botar uma data, porque se a gente não colocar uma data, a gente não vai se casar”. Em 2010, a gente decidiu se casar em julho de 2011 e foi tudo uma correria, porque a minha família é do Espírito Santo, a família dele é do Chile e a gente resolveu se casar em Porto Seguro, então, nada a ver, né, nada a ver. Então, foi essa correria, a mãe dele tava lá em Porto Seguro, então foi também, ajudou a gente em algumas coisas, ligava pra casa, mostrava vestido pra minha mãe, ficava me ajudando e a gente conseguiu se casar em 2011, mas eu tive Pan-Americano e São Bernardo, então, uma fase de treinamento, cuidando pra não quebrar unha, pra não ter nenhuma cicatriz, nenhum roxo no corpo e no rosto, e acabou a fase de treinamento, eu fui pra lá fiquei uma semana pra poder tratar dos papéis, ver as coisas do casamento, voltei pra jogar com a seleção e depois fui pra me casar. E depois do casamento, imagina? Eu casei dia 09 de julho e dia 11, 13 nós já estávamos voltando pra Europa já pra começar a trabalhar, então foi tudo muito corrido. E temos planos de ter filhos, porque eu tenho um sobrinho de quatro anos, adoro criança, tô aí, fico em cima do meu sobrinho, como eu não vivo com ele, toda a vez que eu vou de férias pra cá é uma luta pra ele tá vindo comigo, tá me dando uma moralzinha, pra eu tá agarrando e beijando ele e adoro criança, só que a gente sabe assim que a vida que a gente leva... A gente treina duas vezes ao dia, acredito que não é justo com a criança e nem com a gente tá com uma criança pra tá desse jeito, pra tá não tesando com a gente, tá pagando alguém, ou até tá tirando a minha mãe, pra tá cuidando, ajudando a cuidar, né, do meu filho, então a gente decidiu até 2016 ficar tranquilo, concentrado mesmo no handebol e depois de 2016 a gente vai tá tendo uma vida, pra tá aumentando a família, se Deus quiser.

P/1 – Como foi e é morar na Áustria? O que mudou? Tem algumas memórias marcantes?

R – A memória que eu tenho assim engraçada é da língua, porque lá eles falam alemão, então, eu cheguei, não falava inglês, só falava português e a Daniela Piedade foi quem me ajudou, quem fazia tudo por mim, né, só que eu tinha que aprender o alemão, porque nesse clube você tem um professor e você tem seis meses pra tá falando as coisas básicas, né, que ele pede mais pra você tá aprendendo a falar: correr, saltar, falta, pega, senão você ganha multa, esse era o problema, então, a Dani, quando a gente começava a falar português, quando ele passava, a gente: ‘Ich weis’ que é eu sei em alemão, pra ele não saber que a gente tava falando a nossa língua. Então, eu tive mesmo que colocar a cara nos livros, e realmente aprender o alemão, até porque eu não gosto de depender, eu tenho um defeito, um pouco é defeito e outro pouco como te, me ajuda, a levar as coisas e fazer as coisas por mim mesma, eu não gosto de depender de ninguém. Só que o primeiro dia, quando eu fui ter minha aula de alemão, eu levei meu cademinho, achando que era que nem aqui, Brasil, vou escrever um monte de coisa e quando chegou lá, era só eu e o professor. E o professor não falava nem espanhol, então eu olhava pra cara dele, sentei e ele falava um monte de coisa comigo e eu não entendia, então ele apontava pra cadeira e falava, “zetel” e eu olhava e não sabia o que ele tava falando, né, eu não entendi nada, então foi mais ou menos uma hora e meia de aula e eu saí de lá frustrada, terrível e cheguei em casa, olhei pra cara da Dani, chorando, peguei os caderno joguei no chão e falei: “Eu não vou aprender essa língua! É impossível aprender essa língua”, e ela rindo falava: “Fica tranquila, você vai aprender, eu aprendi”, eu falava: “Não, Dani, é impossível, é muito difícil”. E hoje a gente fica rindo da situação porque eu t brigando, né, discutindo assim com a equipe, porque como a gente treina de manhã e a tarde, eu não tenho tempo de fazer nada e eu quero estudar a língua, hoje eu sou apaixonada pelo alemão, gosto muito da língua e, encontro essa língua assim agressiva, né, muito agressivo o jeito que eles falam e tem os alemães também que falam alemão, só que o alemão da Alemanha com o alemão da Áustria é diferente, né, tem muitas palavras assim que tem outro significado, então eu acho muito legal, essa cultura deles, né? E quero sim, quero aprender a língua, falar mais fluentemente, né? A Dani fala perfeito, ela teve três anos de aula, ela é super inteligente, até hoje eu pergunto algumas palavras pra ela, mas quero estudar o alemão. Então, dá raiva de odiar o alemão e depois passar a amar o alemão, é muito engraçado.

P/1 – O seu marido também fala alemão?

R – Ele fala alemão, mas pra ele foi mais fácil, porque como ele já fala inglês, então ele como que se virava no inglês, mas ele tem facilidade pra tá aprendendo outras línguas, falam que quando você aprende uma língua, é mais fácil pra tá aprendendo outra, né? E ele já falava o inglês, e agora já sabe falar o alemão, já, então tá bem tranquilo pra gente na Áustria. Tem o frio, tem a falta de tempo, eu sou muito caseira, ele já gosta de tá saindo, então é como que ele me ajuda a tá saindo de casa, pra tá conhecendo outras coisas, né? Viena é muito bonito, é muito bonito, mesmo no frio, Viena é muito bonito. Hoje, né, agora em julho, lá é verão, ele já tá lá e tá falando: “Amor, aqui tá muito quente”. Então, eles fazem jardins com flores, com rosas, nossa, é maravilhoso, eu gosto muito de Viena.

P/1 – E vocês viajam bastante? Você, em especial, com os campeonatos, olimpíadas... Como é a sua rotina?

R – Sim, na minha rotina... A rotina do atleta é fazer mala, desfazer mala, essa é a verdade, a gente não para nunca em um lugar só. Quando tá com o clube, a gente tá fazendo preparação, então a gente vai pra Hungria, vai pra Áustria, vai nos países que são mais perto, né? E com a seleção, imagina? Eu já tenho três olimpíadas, a primeira na Grécia, a segunda em Pequim e a terceira em Londres, então é maravilhoso e, um sonho que eu tinha quando eu era pequena, eu via na televisão as Muralhas da China, né, e eu falava: “Eu tenho que ir nesse lugar”, quando eu vi que eu ia pras olimpíadas, eu fiquei mais maravilhada que eu ia conhecer as Muralhas da China, que era a própria olimpíada assim, modo de dizer e em dia de folga, eu falava: “Quando que a gente vai conhecer a Muralha da China? Quando que a gente vai conhecer?” e quando nós fomos foi

assim, um dia maravilhoso e inesquecível pra mim; foi uma das viagens pra mim que teve mais sentido, né, por eu ter um sonho desde pequeninha e conseguir realizar esse sonho, junto com o handebol e junto com a seleção brasileira.

P/1 – Qual a sensação que você tem nos jogos, no contato com todo o público assistindo suas vitórias, nesse dia a dia nas quadras?

R – É uma sensação assim quase que inexplicável, eu posso comparar assim, não sei se vocês assistiram o filme, Matrix? Que o Matrix ele faz, né, a separação do mundo real e pra mim, quando eu tô numa quadra, numa olimpíada principalmente, como se fosse o primeiro jogo, eu me lembro hoje do primeiro jogo, quando eu pisei na quadra pro primeiro jogo, na Grécia, que você põe o pé na quadra e você vê o ginásio lotado, se você pensa assim, eu, no caso eu que venho no caso de uma família humilde, na olimpíada e antes a gente parava com a família pra ver, os Jogos Olímpicos, parava e assistia ali e falava: “Nossa, o pessoal é de outro mundo, né, são maravilhosos” e eu tá podendo fazer parte dessa história olímpica! É uma sensação maravilhosa, é gratificante, você quer dar sempre o seu máximo, não existe cansaço, não existe dor quando você chega numa olimpíada; com lesões, com cansaço, com saudade, esse é o momento que você esquece de tudo, é o momento praticamente divino que você vê que tudo que você fez, todas as dores musculares, as lesões, nesse momento não importa nada, importa é você ser mais forte que o adversário, importa você não ter pena, você, aí vence o mais forte, vence o melhor.

P/1 – Eu vi algumas fotos com embates físicos, é assim mesmo?

R – Sim, é contato, é contato. Hoje o handebol tá muito físico, né, tá mais rápido, então tá pedindo mais musculatura, tá pedindo um preparo físico mais forte, pra tá aguentando 60 minutos; hoje em dia também um atleta, são poucos atletas que jogam 60 minutos, tão trocando mais, né, você joga 15, joga 20, depois já entra o outro pra, no momento de decisão você tá bem, não tá tão cansada, que o cansaço também te prejudica na hora de tomar as decisões e as decisões, você tem frações de minutos, de segundos pra tá tomando a decisão certa, você pode tá tomando a decisão errada, então a gente procura tá cuidando, não só de parte estética: é bom tá forte, com a perninha forte, com a barriguinha bem, não só esteticamente e sim, a gente trabalha o corpo mesmo pra tá aguentando as pancadas, as porradas, porque o handebol é um contato de muito... Contato físico, você tá aqui, você não sente, não sabe de onde vai vir a pancada e se o seu corpo não tá bem preparado você lesiona o joelho, ou um músculo por causa de uma pancada, e você girou muito o corpo, entendeu, então tem que tá muito preparado porque é muito contato físico.

P/1 – Quais são as coisas mais importantes pra você hoje, Alexandra?

R – As coisas mais importantes pra mim, desde sempre, é a família. Na educação que eu tive, meu pai sempre mostrou pra gente que a família é muito importante, é a base de tudo. Então, eu com o meu marido, o que a gente tenta fazer é, a gente tem a nossa vida, a gente tem o nosso trabalho, a gente respira handebol, porque quando a gente não tem treino, a gente vai correr, a gente faz alguns exercícios na quadra de finca, de arremesso, enfim, mas a gente tem o momento da família. É férias a gente vem ver a família, a gente tá ligando pra família, nós dois estamos assim tentando desconectar um pouco do handebol, a gente tenta passear pra ter a vida do casal, mas acredito que o mais importante de tudo isso é a família, é a família e os amigos, porque a gente não vai jogar handebol pra sempre e no momento que a gente parar de jogar handebol, é o momento de transição que a gente vai tá tendo que ver outros caminhos, ou ser dona de casa, ou ser outra técnica, eu ainda não sei e pra isso a gente vai precisar do apoio da família e dos amigos.

P/1 – E quais são seus sonhos hoje?

R – Meus sonhos hoje, hoje, hoje é continuar na Seleção Brasileira, ganhar uma medalha nas Olimpíadas em casa é o meu maior sonho, em 2016, tá aí subindo no pódio com a torcida maravilhosa, ginásio cheio, tá dando uma alegria e tá tendo um filho, esse é o meu maior sonho, tá aí, vendo aquela coisinha crescer, ficar grande, eu quero ficar enorme, espero que depois eu volte ao normal e ter uma coisinha só minha, dependendo de mim e do pai dele.

P/1 – Como foi pra você contar sua história aqui?

R – Ah, eu acho tudo isso muito legal assim tá, a gente tá podendo passar quem é a gente realmente, né? Porque eu tô tendo uma experiência maravilhosa, eu hoje sou um ícone, né, no handebol, depois de ter sido eleita a melhor jogadora de handebol do mundo - uma brasileira! -, pagando tantos fãs, né, as crianças, é maravilhoso; você vê eles ter contato com você assim, sabe, ver que é verdade, só que eles não sabem como você, o que você passou, o que você fez pra chegar onde você chegou e hoje em dia eu falo: eu venho de uma família que não tem dinheiro e eu venho do morro, e hoje você vê muitas crianças com muito potencial e, às vezes não acreditam, ou se deixam desviar por algumas outras coisas, por outros interesses, então hoje eu falo que tudo é possível, porque eu consegui, então eles também vão conseguir, só que tem que ser persistente e escolher realmente o que você quer, porque o caminho não é fácil, mas vale a pena. O que eu falo é que se eu tivesse um livro na minha mão com toda a minha história escrita e falasse: “Você quer tirar alguma página?” eu falaria que não, porque até o falecimento do meu pai, isso me ajudou a ser uma pessoa mais forte, porque eu tive que correr atrás de muitas coisas, então isso ajudou a ser a pessoa que eu sou hoje.

P/1 – Que lindo, Alexandra. Tem alguma coisa que eu não te perguntei, que você gostaria de complementar?

R – Não, tá bem assim, tá bem, tá bem, só deixar claro que o handebol tá passando por um momento de transição e tô muito feliz de fazer parte. Agradecida à Confederação, por tudo que a Confederação tem feito por mim, o Manoel Luiz, a própria Glória, que também me ajuda e me assessora em tudo e desejo tudo de bom pro handebol e sou muito feliz de tá podendo ajudar o handebol.

P/1 – Nossa, pra mim foi um grande prazer conversar com você, obrigada.

R – Igualmente.